

DOMINGOS DE PAOLA (1929-1992)

Por Francisco Duarte Guimarães Neto

Domingos De Paola nasceu em 29 de maio de 1929 em Salvador, Bahia, filho de Francisco De Paola e de Alice Vildo.

Estudou no Colégio Marconi, Belo Horizonte, MG, de 1940 a 1943, onde fez o curso secundário, atual ensino fundamental II, e no Instituto Lafayette, Rio de Janeiro, RJ, de 1944 a 1946, onde cursou o científico, atual ensino médio.

De 1950 a 1952 exerceu a monitoria na cadeira de Anatomia Patológica do catedrático Amadeu Fialho.

Em 1952 foi diplomado em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em 1956, por concurso público para exercer o cargo de médico patologista, ingressou no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital dos Servidores do Estado, Rio de Janeiro, RJ, onde chegou a ser chefe de clínica.

De 1958 a 1959 fez doutorado na Academia de Medicina de Düsseldorf, Alemanha, sob a direção do professor Messen.

De 1960 a 1971 foi Professor Titular de Patologia da Escola Médica de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro.

De 1960 a 1966 foi instrutor na cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológica do catedrático Eduardo MacClure.

Em 1961 e em 1964 tornou-se Livre Docente em Anatomia Patológica, respectivamente, na UFRJ e na Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ.

Em 1970 tornou-se Professor Adjunto e chefe do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da UFRJ, e, no mesmo ano, Professor Titular, por meio de concurso público de provas e títulos, na UFRJ e na Universidade Federal Fluminense (UFF).

De 1980 a 1982 exerceu a chefia do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho-UFRJ.

A partir de 1981 tornou-se membro titular da Academia Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, RJ.

Por mais de duas décadas foi pesquisador do CNPq, seja como conferencista, seja como pesquisador IA.

Publicou 202 trabalhos em revistas médicas e como capítulos de livros, dos quais 36 no exterior, e 4 teses; envolvendo as áreas de Patologia, Parasitologia, Virologia, Biologia Celular, etc.

Apresentou 266 trabalhos em congressos e reuniões científicas no Brasil e no exterior.

Escreveu 5 livros sobre as colagenoses; os mecanismos básicos de doença; as neoplasias do sistema nervoso; o câncer e meio ambiente, e um manual sobre infecção viral.

Conheci o Domingos De Paola, a partir de 1959, no Hospital dos Servidores do Estado (HSE), quando eu era um recém formado. Mantivemos uma convivência diária, que se transformou em uma sólida amizade por 35 anos, no HSE e na Faculdade Nacional de Medicina, atualmente a Faculdade de Medicina da UFRJ. Sua morte prematura foi como uma perda de um irmão, tal foi a sua influência em minha vida profissional e pessoal.

Fui inicialmente seu aluno no curso de Pós-Graduação da PUC, sendo crescente a admiração de todos pelo seu saber, brilhantismo e inteligência criativa, com grande poder de síntese, de modo a desfazer a complexidade frente à quantidade crescente dos conhecimentos exigidos, dizendo que “a nossa função é simplificar a Patologia.” Para ele o verdadeiro médico patologista não deve apenas ser capaz de descrever as lesões, mas também ser um explicador das mesmas e, sobretudo, acentuar o dinamismo do processo mórbido e a importância de sua correlação anatomo-clínica. De sólida formação científica na tradição da Patologia alemã, realçava que “temos de conhecer bem a Patologia Geral. Os alemães a consideram uma matéria teórica, isto é: para raciocinar diante da lesão é necessário o conhecimento dos mecanismos da inflamação, das neoplasias, das degenerações e dos processos vasculares.” Esta postura o diferenciava dos muitos patologistas mais antigos, em geral

morfologistas puros, sendo, assim, menos capazes de acompanhar a contínua revolução dos conhecimentos modernos dos últimos anos. Diante da influência da tradição da universidade alemã, De Paola revelava forte pendor para a pesquisa científica, levando-o a realizar muito trabalhos experimentais originais, especialmente sobre a Patologia Viral, buscando-se um enfoque multidisciplinar.

Diante das suas inúmeras publicações científicas merecem destaque os seus estudos originais e pioneiros sobre a leishmaniose visceral; a tuberculose tratada; a estrogiloidíase disseminada e fatal; a técnica de imunofluorescência na Patologia das Arboviroses, e sobre a doença de Lábrea, uma forma de hepatite na região amazônica, pela primeira vez publicada na literatura mundial.

De Paola foi extraordinário didata e conferencista, conseguindo prender a atenção de todos de uma forma dinâmica, gerando-se entusiasmo nos ouvintes ao se raciocinar os mecanismos das doenças. Foi mestre segundo Guimarães Rosa dizia: “Mestre é aquele que de repente aprende,” pois, de fato, De Paola ensinava estudando, cumprindo-se o binômio ensino/aprendizagem. Ensinava como raciocinar sobre as lesões, mais do que descrevê-las ou apenas diagnosticá-las, dando também ênfase na explicação das mesmas, no tempo e no espaço, gostando de repetir: “sua patocronologia.”

De Paola não condescendia com os falsos valores, entretanto, apesar de não ter desenvolvido verdadeiras inimizades, mais causava inveja do que ódio em seus oponentes. Tendo antepassados na Calábria, ou ele era amigo, ou aparentemente ignorava a presença de um provável antagonista, muitas vezes sem lançar-lhe um olhar. Tal sua atitude era mais um traço de timidez latente, do que soberba, pois logo fazia um dito jocoso, sem agressividade alguma. Tudo o que realizava era com arroubo e paixão, tanto as pesquisas e os estudos, que geraram inúmeras publicações, como os projetos institucionais, a saber, a criação do Centro Brasileiro de Patologia do Rio de Janeiro e a fundação do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Poucas horas antes de morrer, já com níveis elevados de uréia no sangue, e sabendo que a morte se aproximava, em minha presença e de seus familiares, telefonou insistentemente para um amigo editor, visando um contato sobre a reedição de um de seus livros, o sobre o câncer e o meio ambiente. Não deixava de, antes, várias vezes, telefonar para mim e Kalil Madi, seus colaboradores mais próximos, procurando animar e convocar para o trabalho e a boa convivência, como sempre fez em sua vida, diariamente, ou mais de uma vez ao dia.

Domingos De Paula faleceu na madrugada de 14 de agosto de 1992, deixando menos ricos pela sua ausência, a sua dedicada e incansável esposa Andrely, seus filhos Domingos e Flavia, seus netos e os inúmeros amigos e admiradores.

Vamos nos acostumar a viver sem a companhia deste extraordinário ser humano, professor e médico patologista, lembrando o Grande Doutor da Igreja Católica, São João da Cruz (1542-1591), sacerdote e frade carmelita espanhol: “No ocaso da vida seremos julgados pelo Amor.”

Referência:

Síntese baseada em: Francisco Duarte – Homenagem Póstuma. Domingos de Paola (1929-1992), *Jornal O Patologista*, Sociedade Brasileira de Patologia, nº 34, ano 13, abril/1994.
